



nessa época. Vinham de Noroeste e pensamos que se trata dos vikings porque eles eram os melhores marinheiros daquela época e sabiam navegar em água abertas. Colonizaram a Islândia, as Ilhas Faroé, a Gronelândia e chegaram à América do Norte. Supomos que se tratem dos vikings devido aos ventos e ao facto de serem o único povo que navegava pelo Atlântico nessa época. Não temos evidências físicas porque não existem vestígios de construções e é, por isso mesmo, que queremos falar com historiadores e arqueólogos para que ajudem a comprovar as evidências que encontramos.

SP – Existem algumas evidências documentais de que estas ilhas já eram conhecidas antes da chegada dos portugueses. São conhecidos mapas dos séculos XII e XIII onde estas ilhas já estão presentes.

SG – Sabemos que há uma ocupação anterior à portuguesa, estamos certos destes resultados mas não sabemos o que se passou quando os portugueses chegaram a estas ilhas.

SP – Muito do arquivo histórico dessa época foi destruído por causa do tsunami de 1755 em Lisboa, mas temos também artigos históricos em Espanha e poderá existir informação escondida sobre estas rotas atlânticas. Mas se havia mapas é porque alguém sabia da existência destas ilhas...

Daqui a quanto tempo esperam ter mais resultados e mais certezas?

SG – Para alcançarmos estes resultados tivemos de trabalhar 10 anos. Não é um trabalho fácil e requer muito tempo de estudo, mas pensamos e esperamos ter mais resultados dentro de 4 ou 5 anos. Isso também se deve ao facto de estarem muitos investigadores envolvidos neste estudo e, só para que tenha noção, no artigo que publicamos somos mais de 30 autores. É um estudo que requer muito dinheiro e muito tempo.

SP – É necessário também muito trabalho “à volta da mesa”, em reuniões, para discutir e debater e, obviamente, se somos 30 pessoas, isso leva mais tempo. Demoramos um ano para concluirmos e escrevermos o artigo.

Já está assegurado o financiamento para a

segunda fase deste projecto?

SG – Ainda não e temos que solicitar esse financiamento. É também por isso que estamos cá, para preparar e assentar ideias acerca daquilo que queremos fazer no futuro.

E os outros projectos ligados ao clima também são para continuar?

SG – Sim, para se compreender o clima do atlântico é necessário perceber duas estruturas climáticas. Uma delas é o anticiclone dos Açores e outra é a depressão que se encontra no norte da Islândia. Dependendo de uma ou de outra, as chuvas passam por sul e atingem a Península Ibérica ou vão para norte e não chegam à Península Ibérica. Tivemos, portanto, três projectos aqui nos Açores e agora temos uma ideia bastante clara sobre o que se passa cá. Agora, estamos a trabalhar para perceber o que se passa nessa depressão na Islândia e vamos realizar o mesmo trabalho que já fizemos aqui. Aqui, falta-nos catalogar todos os dados recolhidos porque quando nos dedicamos à temática da presença humana nos Açores, um tema muito importante, deixamos essa vertente um pouco de lado e à espera.

Voltando um pouco atrás, a primeira parte do projecto acerca da presença/ocupação humana nos Açores está praticamente concluído?

SG - Sim. Falta agora a vertente dos arqueólogos e historiadores porque, como já dissemos, estamos a mudar a história e os historiadores têm agora muito a dizer - se concordam ou não com as nossas descobertas. Para nós é fundamental trabalhar com historiadores e arqueólogos para perceber porque não existem vestígios arqueológicos. Será que o clima destruiu tudo ou foram os portugueses que os destruíram? Não sabemos.

SP – É preciso dizer que foram também registados alguns tsunamis importantes e claro, que se existissem aldeias junto à costa estas podem ter sido “varridas”.

Há a possibilidade de terem sido destruídos devido aos vulcões?

SG – Há também essa possibilidade e por exemplo, há cerca de 600 anos houve uma grande



erupção aqui em São Miguel que cobriu de cinzas toda a ilha.

SP – Detectamos nos sedimentos essas cinzas dentro das lagoas, nomeadamente na Lagoa Azul, onde têm uma espessura de 3 metros, mas não fomos capazes de passar para lá dessas cinzas. Se existisse um pequeno povoamento, 3 metros de cinzas podem tê-lo coberto. Existem muitas questões por responder. Abrimos uma porta e agora queremos trabalhar com historiadores e arqueólogos para descobrirmos a história completa.

Para vocês esta foi uma descoberta muito importante, tendo em conta que não estavam à espera de encontrar isto e o motivo que vos trouxe cá era completamente diferente...

SG – Há quase 20 anos estivemos na Ilha de Páscoa, no Oceano Pacífico, também por uma questão climática, para entender o fenómeno do El Niño e descobrimos exactamente o mesmo; que a ocupação da ilha tinha acontecido muito antes do que os arqueólogos diziam. Aqui nos Açores aconteceu exactamente a mesma coisa (risos).

Há algum outro projecto ou estudo que vão realizar aqui nos Açores?

SG – Com a questão do efeito estufa o padrão de chuvas está a mudar de uma forma muito significativa e temos de tentar perceber a razão disso.

SP – Aqui constata-se mudanças efectivas nos últimos 50 anos.

Que mudanças são essas?

SP – Vê-se por exemplo que as lagoas estão a responder da mesma forma e com a mesma tendência do que o efeito estufa. Temos de entender a razão para isso e que processo existe por detrás.

SG – As condições biológicas das lagoas estão a alterar-se. As lagoas para os Açores têm um valor muito significativo e, por exemplo, grande parte do turismo está relacionado com as lagoas.

SP – Em todo o hemisfério norte constata-se mudanças nas lagoas e o crescimento de umas algas que podem ser tóxicas para o consumo humano. É preciso estudar e controlar tudo isto.

Luís Lobão

